



DERIVAS DANÇANTES: CORPO, PERCEPÇÃO E ESPAÇO MUNDO

Palavras-Chave: DANÇA, DERIVA, CORPO/ESPAÇO

Autoras:

ANA JÚLIA HUFFENBAECHER, IA – UNICAMP

Prof.^a Dr.^a MARISA MARTINS LAMBERT (orientadora), IA – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

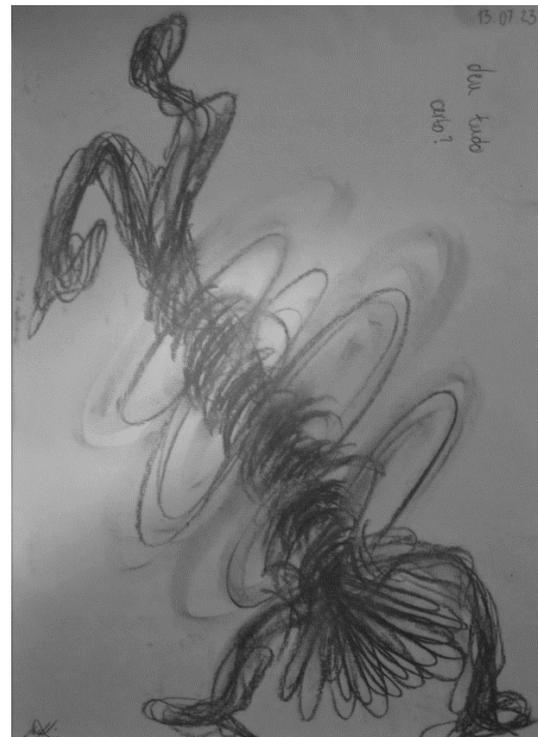
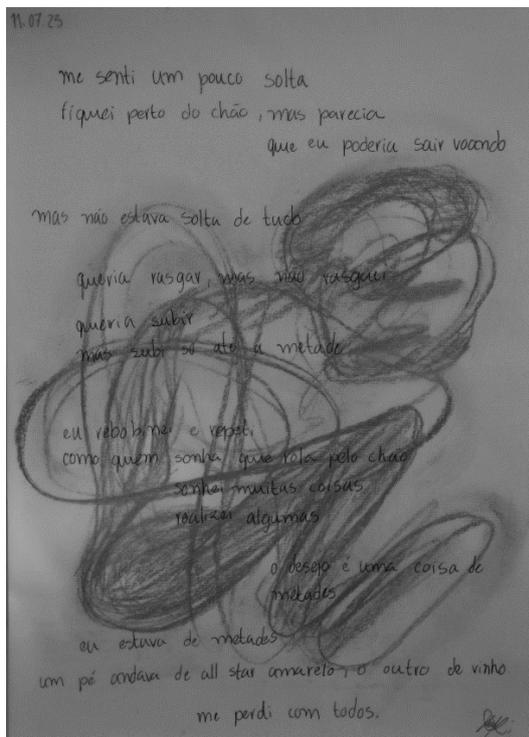
Com o desejo de caminhar e dançar, perceber e descobrir formas de existir enquanto corpo nos espaços do mundo, por meio da ação artística, as derivas mostraram-se um campo fértil de experiência e pesquisa. O termo “deriva” foi originalmente formulado pelos Situacionistas, vanguarda francesa das décadas de 50 e 60 (CARERI, 2013), inicialmente associado ao ato de errar, perder-se pelo espaço urbano, e praticar ações que não fossem úteis, isto é, que se distanciassem de uma lógica mercadológica, espetacular ou utilitarista (VELOSO, 2021). Olhando para o século XXI e para um contexto não europeu, percebemos outras urgências contaminando nossos corpos, espaços e moveres. Mesmo que algumas premissas ainda permaneçam, o conceito de deriva hoje é repleto de acepções, até bastante subjetivas, por se tratar de um exercício amplo e poroso a ser pensado a partir do corpo em experiência. Sabendo disso, nesta pesquisa lancei-me em investigações práticas e teóricas sobre o tema da deriva dançante e pude me colocar frente à alguns questionamentos: o que move meu corpo a caminhar? Onde nasce a dança na deriva? O que o corpo pode aprender e criar a partir dessas experiências no espaço mundo? Quais fronteiras essas práticas tensionam?

O tema da deriva dançante surgiu de nosso desejo de encontrar, nas práticas de deriva e performance a serem experienciadas nos espaços públicos urbanos, esse elo que acontece entre o corpo que caminha e o corpo que dança. Partindo dos estudos, questionamentos e das experiências iniciais vividas na relação corpo/espaço, busquei por procedimentos que serviriam como guias de meu corpo para caminhar e dançar pelos espaços públicos de Indaiatuba, cidade do interior paulista, onde vivo desde que nasci. Por meio do contato com alguns referenciais, incluindo as entrevistas realizadas na pesquisa com Laís Rosa e Laila Padovan, artistas-pesquisadoras das áreas do caminhar sensível, do habitar e criar na relação corpo/espaço, foram se revelando as formas com que eu gostaria de estar em experiência pelos ambientes e pude ir traçando alguns procedimentos para minha derivas dançantes, tais como: ações corporais simples, como caminhar, correr, pausar, sentar e deitar; escolha de espaços/regiões que se relacionassem de alguma forma com minha história com essa cidade; e formas de estabelecer diálogos e trocas com as pessoas.



Figuras 1 e 2 – Fotos tiradas pela pesquisadora em exercício de deriva, na Praça Rui Barbosa, no centro de Indaiatuba.

Com os procedimentos traçados, pude insistir nessas práticas e repeti-las, a fim de aprofundar relações, numa dinâmica “corpo a corpo” (VELOSO, 2021, p. 31) com essa cidade-natal. Escolhi alguns lugares/regiões que faziam parte de minha memória afetiva de Indaiatuba, e pude imergir na experiência de caminhar e dançar por esses ambientes, em contato direto com suas dimensões humanas, estruturais, funcionais e expressivas. Somei às minhas investigações a improvisação em dança e a produção de registros em diversas linguagens artísticas, como desenho, escrita e fotografia, elementos que já atravessavam meu fazer artístico. Essas práticas me possibilitaram redescobrir espaços afetivos em minha cidade-natal, redescobrir um corpo contextual em diálogo vivo com os ambientes, e redescobrir lugares onde esse corpo pode dançar.



Figuras 3 e 4 - Registros artísticos produzidos pela pesquisadora, após as experiências de deriva e performance.

Em minhas investigações criativas, e ao longo das experiências vividas nos ambientes, pude perceber como os estímulos presentes nos espaços externos – como a luminosidade, as cores, os sons, os elementos arquitetônicos e humanos, as amplitudes e os pequenos detalhes – são potentes impulsos para a composição cênica e a criação de ricos momentos de dança e de troca. Todos nós estamos

submetidos a impulsos e forças que fogem do nosso controle e é possível deixar que esses estímulos dos espaços insistam cada vez mais nos nossos corpos (VELOSO, 2021), tornando-se matéria expressiva. O desejo de retornar da rua para a caixa-preta, esse espaço cênico que faz parte da minha história como artista da dança, foi tornando-se cada vez mais latente e gerando questionamentos que nortearam a pesquisa e as investigações corporais: entender se e como é possível trazer as experiências de movimento vividas na rua – nesse caso, em exercício de deriva, rico em experiências móveis – para dentro do espaço cênico formalizado, o palco italiano e a cena composta dramaturgicamente, entendendo esse paradoxo como forma de ir ao encontro de novas possibilidades e subversões para este espaço histórico de apresentação das artes da cena. Dessa forma, pude entrar em um processo criativo que se ocupa em levar as corporeidades e relações experienciadas na rua, para a caixa-preta, como forma de redescobrir também esse espaço, o que nele se revela e o que se oculta.



Figuras 5 e 6- Laboratórios de estudos corporais realizados para a composição do trabalho cênico de dança.

Essa pesquisa teve como objetivo, portanto, desenvolver explorações práticas, investigativas e teóricas sobre dança e deriva. Nos dedicamos à sistematização do conceito de deriva, discutindo-o no campo das artes, e ao aprofundamento nas potências criativas e dimensão humana da relação corpo/espço. Realizamos um aprofundamento e trabalhamos corporalmente dinâmicas simples pelos espaços, que nos permitiram investigar e perceber suas dimensões funcionais, estruturais e expressivas. Nos aproximamos do tema da deriva e suas possíveis relações com a dança, por estudos e leituras, participação em encontros e oficinas, e práticas desses exercícios, observando o potencial desses processos enquanto geradores de corporeidades, campos para reflexões estético-sociais e também como procedimentos que estimulam a criatividade e a composição em dança. Nosso interesse foi a prática do exercício criativo a partir de experiências de deriva e a construção de conhecimentos específicos na área da dança.

METODOLOGIA:

A metodologia utilizada para esta pesquisa se organizou em cinco etapas. A primeira etapa contou com um aprofundamento bibliográfico no conceito de deriva, envolvendo autores de referência (Debord, Careri, Jacques, Lepecki, Visconti), e nas demais temáticas do projeto, como pensamentos

sobre espaço e criação em dança (Godard, Simas, Salles, Nelson, Louppe, Katz, Veloso, Padovan, Prado). Num segundo momento, foram realizadas entrevistas com as artistas-pesquisadoras Laís Rosa e Laila Padovan, para amadurecer reflexões, produzir questões e gerar novas contaminações na pesquisa. Já na terceira etapa, foram elaborados os procedimentos, escolhidos os espaços e feitas as derivas dançantes na cidade de Indaiatuba. Ainda nesta etapa, foram produzidos os registros artísticos sobre as experiências vividas. Após esse momento, foram feitos laboratórios práticos para elaboração das experiências de deriva vivenciadas e produção de questionamentos sensoriais e estético-reflexivos sobre dança e cena. Como última etapa, há o compartilhamento do trabalho cênico de dança criado e a escrita de um artigo, alimentado pela criação artística e conhecimentos produzidos na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como resultado da pesquisa obtivemos um levantamento teórico acerca do tema da deriva. Realizamos um aprofundamento em seus aspectos históricos e estéticos, desde a elaboração do termo, originalmente feita pela vanguarda situacionista, até suas acepções e formas de existir na atualidade, intrinsecamente ligadas às ações de muitos artistas da área. Essa sistematização do conceito de deriva foi de vital importância para todo o processo investigativo da pesquisa. Ademais, outra contribuição para esses estudos foram as duas entrevistas realizadas com as artistas-pesquisadoras Laís Rosa e Laila Padovan, com as quais pude, além de compreender as múltiplas formas com que as derivas podem se dar em diferentes contextos nos dias de hoje, discutir o tema no campo das artes, e mais especificamente no campo da dança.

Somando-se a isso, o trabalho cênico de dança, proposto no projeto inicial dessa pesquisa, já está em processo de criação. Nos propusemos a construir o trabalho cênico de dança paralelamente às derivas e performances realizadas nos espaços públicos, e à produção de registros em diversas linguagens artísticas, a ser compartilhado ao final da pesquisa. Temos realizado laboratórios práticos para elaboração das experiências de deriva e performance vivenciadas e para produção de questionamentos sensoriais e estético-reflexivos, que culminarão no trabalho cênico a ser partilhado.

Por fim, como resultados da pesquisa que estão também em processos de construção, temos o Relatório Final de Pesquisa e um artigo científico, que pretendemos publicar na Revista Mosaico, sendo elaborados. As escritas de ambos já foram iniciadas e, também como proposto no projeto inicial, esse processo tem se dado paralelamente aos estudos práticos e criativos, entendendo que teoria e prática se atravessam o tempo todo nesse processo criativo ao qual me proponho a mergulhar.

CONCLUSÕES:

Mais do que dar respostas objetivas, a ideia desta pesquisa é tensionar alguns pensamentos rígidos construídos sobre dança, cena e, principalmente, sobre a relação corpo/espaço. É uma busca por trazer, para o aqui-agora, formas possíveis de aprender com o corpo em experiência artística nos espaços públicos urbanos, imergindo em processos criativos que não consumam esses espaços e os corpos que por ele gravitam. É um questionar-se constante sobre o que é dança, onde ela pode existir

e como compartilhá-la de outra forma, que não a espetacular, mas que seja participativa. É flexibilizar ou, até dissolver as fronteiras entre o corpo de fora e o corpo de dentro da cena – se é que ele existe! – questionando quais estruturas os colocam como agentes segregados ou agregados. A dança, enquanto arte da presença e da relação, mergulha o corpo em movimento na experiência com os espaços, e se torna potência criadora de tudo que daí puder emergir!

Com esta pesquisa, me ocupo em investigar as formas com que o corpo, em exercício de deriva, caminha, habita e dança pelos espaços em um diálogo relacional, vivo e dinâmico, percebendo como a potência corpo/espaço pode ser agente criadora e transformadora de seu entorno. Nessa lógica de interação que permeia essa relação, busco construir registros artísticos e perceber as corporeidades descobertas em meio externo, elementos que se revelam matéria-prima e espaço de mergulho para um processo de criação e pesquisa em dança, o qual procura distanciar-se das formas convencionais de criação e de estados conformados e endógenos de fazer arte. Trata-se de indagar e produzir conhecimento sobre como a conexão corpo/espaço pode encontrar novas formas de ser e fazer em dança.

BIBLIOGRAFIA

BRITTO, Fabiana Dultra. JACQUES, Paola Berenstein. **Corpo e Cidade**. In: Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

CARERI, Francesco. **Walkscapes : o caminhar como prática estética**. - 1. ed. – São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

LEPECKI, André. Errância como trabalho: sete notas dispersas sobre dramaturgia da dança. In: **Dança e Dramaturgias**. São Paulo: Nexus, 2016.

MCHOSE, Caryn. **Phenomenological Space: I'm in the space and the space is in me**. Interview with Hubert Godard. Contact Quarterly, Northampton, v.31, p. 32-38, Summer/Fall 2006.

PADOVAN, Laila Renardini. A visão encarnada do espectador: formas de perceber, habitar e criar paisagens. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 38, p.1-33, 2020.

VELOSO, Veronica. **Percorrer a cidade a pé: ações teatrais e performativas no contexto urbano**. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2021.